

dores da Academia Brasileira de Letras. Na Casa de Machado de Assis, teve assento na Cadeira Trinta e Nove, com o privilégio da escolha de seu Patrono. E ele não vacilou. Conferiu a dignidade ao eminente historiador sorocabano; como diplomata, serviu ao Brasil com saber e com grandeza. Pela sua obra, nos domínios da Mestra da Vida, nossa jovem Academia foi buscá-lo e elevou-o às culmâncias da Cadeira Número Dez. É a Cadeira que ocupo nesta Casa. Meus agradecimentos à Equipe Fundadora por ter-me colocado sob a sombra protetora de uma figura de tamanha dimensão.

Manoel de Oliveira Lima deixou a vida, mas não deixou este mundo. Está presente na sua História e na História que outros escreveram; está presente na sua vasta e variada bibliografia; está presente nos capítulos das instituições culturais; está presente nas efemérides da Diplomacia Brasileira; está presente nas ruas e praças das cidades e das metrópoles. Está presente nos anais da Academia Paulista de História.

Jesus Cristo já ensinava na sua pregação: “A César o que é de César !”

\*

SERAFIM LEITE

Divaldo Gaspar de Freitas

O “Elogio Histórico” de um Homem que escreveu a monumental **História da Companhia de Jesus no Brasil** não poderá ser feito no limitadíssimo espaço de tempo ( 10 a 15 minutos ) que a Academia Paulista de História concede aos seus membros fundadores para exaltarem a obra dos seus patronos. Como se trata de uma resolução, que precisa ser cumprida, acatarei a ordem recebida e tentarei desempenhar-me da missão que me foi outorgada, procurando sintetizar, no menor número possível de páginas, o valor de uma extensa, variada e primorosa obra, relacionada em 1 962 pelo Pe. Miguel Batllori, bibliografia que abrange 295 verbetes, alguns deles incorporados, mais tarde, às suas obras de maior porte, substancialmente aumentados e devidamente revistos, e 75 recensões de livros alheios, a que se torna necessário fazer aditamentos substanciais, dado que ele trabalhou até à sua morte, ocorrida em Roma em 27 de dezembro de 1 969: a de Serafim Leite.

O nosso confrade P. Hélio Abranches Viotti assim se exprimiu: “Quem percorrer sua Bibliografia... não pode deixar de experimentar o sentimento de admiração, senão de assombro, diante da mole de trabalho acumulada em sua obra, de excelente quilate literário e científico ( com as restrições, que o amor da verdade me obrigaram a apontar ) e que dele fazem um dos mais fecundos escritores e eméritos historiadores do nosso tempo.” (1)

Confesso que elaborei vários “planos de trabalho” para poder condensar tudo o que eu entendia que deveria ser lembrado acerca do seu “Elogio”. E nenhum deles me agradava, pela sua extensão... Nem sequer o que irei apresentar...

Inicialmente, relembrarei algumas datas que devem ser assinaladas na vida de Serafim Leite:

a) 6 de abril de 1 890 — nascimento, no lugar da Quintã, da então aldeia de São João da Madeira ( distrito de Aveiro ), cerca de 30 quilômetros ao sul da cidade do Porto;

b) 21 de maio de 1 893 — falecimento de seu pai, José Francisco Leite, no Pará, vitimado pela febre amarela, para onde havia seguido, pouco tempo antes, à busca de fortuna;

c) cerca de 1 900 — ingressa no Colégio — Internato dos Carvalhos ( Porto );

d) 1 906 — depois de abandonar os estudos no Seminário, seguiu para a Amazônia, a convite de seu tio materno, Manuel Leite da Silva, ali estabelecido, havia alguns anos, como comerciante;

e) 1 912 — 13 — reside na cidade de Monte Alegre ( margem esquerda do Baixo Rio Amazonas, já no Estado do Pará ), onde se inicia como escritor ( jornalista );

f) 1 914 — embarca para a Holanda, para encontrar-se com outro tio materno, Serafim Leite da Silva ( antigo abade de Sandim ), que fora seu protetor na infância e que professara na Companhia de Jesus;

g) 30 de julho de 1 914 — deu ingresso no Noviciado da Companhia de Jesus, na “casa” de Alseberg ( perto de Bruxelas );

h) meados de 1 915 — embarca para a Espanha e em outubro entra no Mosteiro dos Jerônimos de Múrcia ( onde se instalaria o Escolástico dos Jesuítas Portugueses ) para fazer os estudos humanísticos ( 1 916 — 19 );

i) 1 919 – iniciou o curso de Filosofia no Colégio Máximo de Granada ( 1 919 – 23 );

j) setembro de 1 923 – segue para a Bélgica, para se formar em Teologia, no Instituto Teológico de Enghien ( Província de Champagne );

k) 25, 26 e 27 de julho de 1 926 – Ordena-se na Universidade de Camilhas ( Espanha ), recebendo nesses três dias consecutivos as três ordens maiores;

l) julho de 1 929 – recebe instruções para se dirigir a Lisboa, para onde tinham transferido, um ano antes, a redação da revista “Brotéria”;

m) 2 de fevereiro de 1 932 – professa solenemente. Nesse ano é escolhido pelo P. Cândido Mendes, então Provincial, para escrever uma parte da História da Companhia de Jesus da Antiga Assistência de Portugal. “O ano de 1 932, como bem assinala o Pe. Hélio Abranches Viotti, é grande marco em sua vida; ano de sua profissão religiosa e de sua escolha pelo Padre Cândido Mendes” (2);

n) 1 949 – passa a residir em Roma, no “Institutum Historicum da Societatis Iesu”, ocupando-se da publicação de documentos relativos a história da Companhia no Brasil, para a secção brasileira, denominada “Monumenta Brasiliae” da coleção “Monumenta Historica Societatis Iesu”;

o) 27 de dezembro de 1 969 – falece na capela da “Casa de Escritores”, em Roma, logo após ter celebrado a missa, em consequência de um enfarte;

p) 29–I a 1–II–1 970 – o seu corpo é trasladado para São João da Madeira, “satisfazendo assim um desejo por ele expresso num poema composto na Bélgica em 1 927...” (3), ficando sepultado no cemitério da sua terra-natal.

Vista, assim, uma cronologia que reputo de importância, pasarei a abordar algumas fases da vida de Serafim Leite, realmente expressivas, e que possibilitam, embora fragmentariamente, a alicerçar o seu “Elogio Histórico”.

Como teria o meio culto de São Paulo tomado conhecimento da existência de um intelectual de tão elevado gabarito? ... Creio... que foi assim:

No dia 5 de junho de 1 934, levado pela mão amiga e segura de Afonso de Taunay, compareceu ao “Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, para proferir uma conferência sob o sugestivo título de “A fundação de

São Paulo”, um padre-jesuíta, de nacionalidade portuguesa, que se apresentava com as credenciais de membro do “Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia ( de Lisboa ) e de encarregado pela sua Ordem, a rogo do então Provincial Pe. Cândido Mendes, de escrever a “História da Companhia de Jesus no Brasil”. O seu nome era Serafim Soares Leite, então já conhecido por apenas Pe. Serafim Leite. Encantou a todos, com a sua palavra fácil e recheada de preciosas informações, colhidas em arquivos de Portugal, da Itália e de outros países, para onde se deslocara à procura da verdade. Ante a admiração e o contentamento da seleta assistência, desvendou o texto da carta ( até então conservada inédita ) que o Pe. Manuel da Nóbrega escrevera ao Pe. Luís Gonçalves da Câmara ( um dos clérigos de mais prestígio na corte de Lisboa, tanto que viria a ser, depois, mestre de el-rei D. Sebastião ) “no último dia de agosto de 1 553 anos” ... “estando no sertão desta Capitania de São Vicente, onde fiquei este ano, vindo na armada”. Um dos principais tópicos dessa missiva era este: “Ontem, que foi festa da Degolação de São João, vindo a estar numa aldeia ( Aldeia de Piratininga ), onde se ajuntam novamente e apartam os que se convertem, e onde tenho posto dois Irmãos para os doutrinar, fiz solenemente uns 50 catecúmenos, dos quais tenho uma boa esperança de que serão bons cristãos e merecerão o batismo e será mostrada por obras a fé que tomam agora” (4).

No final da palestra, o Presidente José Torres de Oliveira solicitou a Taunay que fizesse uma crítica ao trabalho de Serafim Leite. Ponderado e observador atento, Taunay teceu palavras de elogio, “pondo em realce o cuidado com que Serafim Leite trabalha e também a paciência e tino que demonstra em suas pesquisas” (5).

A “comunicação” de Serafim Leite teve o efeito de uma verdadeira “bomba”, pois a fundação de São Paulo estava envolvida em certo véu de incerteza e desconhecimento, tudo levando a crer, pela escassa documentação até então divulgada, que ela deveria ser atribuída ao Irmão José de Anchieta, um jovem da Companhia de Jesus, nascido em 1 534, que viera para o Brasil com a “leva” de inacianos que acompanhou o 2º Governador-Geral, D. Duarte da Costa, tendo deixado Lisboa em 8 de maio de 1 553. Esse “revolucionário” trabalho foi publicado no vol. II ( julho de 1 934 ), da “Revista do Arquivo Municipal”, com o título de “Revelações sobre a fundação de São Paulo” ( págs. 39 – 47 ) e, mais tarde ( 1 936 ), no nº 31 da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”.

No ano seguinte ( 1 935 ), o Departamento Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, pela sua subdivisão de Documentação

Histórica, “instituiu um concurso sobre assunto histórico referente à cidade ou ao Estado de São Paulo”, destinando um prêmio de 5:000\$000 ao 1º colocado. Foram apresentados treze trabalhos, quase todos volumosos e sob pseudônimo. A Comissão Julgadora, constituída de cinco intelectuais de renome ( Alcântara Machado, Djalma Forjaz, Fernando Azevedo, Paulo Prado e Plínio Ayrosa ) emitiu o seguinte “Parecer”, em 24-III-1 936: “Bem estudados os trabalhos que foram apresentados ao Departamento de Cultura, por ocasião do primeiro concurso sobre assunto histórico, referente à cidade ou ao Estado de São Paulo, a comissão julgadora abaixo assinada resolveu classificar em 1º lugar – Os Jesuítas na Vila de São Paulo – por “Anchióbrega” (6). Esse pseudônimo pertencia a Serafim Leite, pelo que ele começou a ver galardeado o seu persistente e criterioso devotamento ao estudo dos assuntos históricos, aos quais se dedicaria, com afínco e perseverança, até ao fim da sua longa vida, merecendo o justo galardão de um dos mais sérios e profundos historiadores da época.

Trabalhos de paciente e cuidadosa investigação histórica foram surgindo, em revistas e outras publicações. Em 1 937, a Companhia Editora Nacional lançou “Páginas de História do Brasil”, com prefácio de Afrânio Peixoto, “uma coletânea constituída por vários trabalhos já surgidos em revistas, com um ou outro retoque, mais um capítulo novo e um apêndice” (7).

O ano seguinte, 1 938, seria o da verdadeira consagração literário-histórica de Serafim Leite, com o aparecimento dos volumes I e II da “História da Companhia de Jesus no Brasil”, num total de mais de 1 300 páginas: método expositivo simples e acessível; documentos inéditos e sua verdadeira interpretação; crítica conscienciosa e bibliografia vasta e do maior interesse, sendo-lhe outorgado, em Portugal, o “Prêmio Literário ( de História ) Alexandre Herculano”, do Secretariado Nacional de Informação. Embora no início de publicação, o seu conteúdo deixava ver o que viria depois ! E não se enganaram os que assim pensaram... Os outros volumes não tardariam: III e IV em 1 943; V e VI, em 1 945; VII, VIII e IX, em 1 949 e o último em 1 950. Essa obra constituía, no dizer do nosso Confrade Leite Cordeiro, “um verdadeiro monumento de cultura e história” (8). Apesar da sua grandiosidade e do precioso “material” que encerrava, não só para a História do Brasil, mas também para a de São Paulo, lamentavelmente, às vésperas das “Comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo”, ainda havia gente que, arvorando-se em

defensora de Nóbrega... desconhecia a existência desse “monumento de cultura e de história” !...

Serafim Leite poderia ter encerrado a sua carreira de escritor, na certeza de que o seu nome ficaria gravado para a eternidade, em letras de ouro, no escrínio historiográfico luso-brasileiro ! Mas ele não se contentou com os louros alcançados e continuou a trabalhar, pois ele adorava os livros, chegando a confessar: “O gosto dos livros trouxe-me à Companhia de Jesus; a Companhia devolveu-me aos livros. E pelos livros, num ato de agradecimento, procuro servir a Verdade e glorificar a Deus.” (9). É só percorrer a “Bibliografia” do Pe. Batllori... ainda desfalcada dos excelentes trabalhos publicados além de 1962... Eis alguns, que, um pouco à pressa, consegui arrolar: “As raças do Brasil perante a ordem teológica e jurídica portuguesa nos séculos XVI a XVIII” ( “Scientia Jurídica”, XIII, nº 70, nov. – dez. 1964, págs. 531 a 551 ); “Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil, Assistência de Portugal ( 1549 – 1760 )”, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1965, 318 págs.; “Enformação dalguas cousas do Brasil” ( Por Belchior Cordeiro, 1577 ), in “Anais da Academia Portuguesa da História”, 2ª s., XV, 1965, págs. 175 – 201; “O B. Inácio de Azevedo, reitor do Colégio de Santo Antão de Lisboa ( 1553 – 1555 )”, in “Brotéria”, LXXXIV, nº 3, março 1967, págs. 365 – 374; “O B. Inácio de Azevedo reitor do Colégio de Coimbra ( 1556 – 1558 )”, in “Brotéria”, LXXXIV, nº 4, abril-1967, págs. 522 – 531; “Novas páginas de História do Brasil” – São Paulo, Comp. Edit. Nac., 1965, “Brasiliana” 323 – 393 págs.; “Monumenta Brasiliae V sive complements Azevediana, I, 1539 – 1565” – Roma, Monumenta Historica Societatis Iesu, 1968, 494 págs. Dada a minha ligação à Universidade de Coimbra, não poderei deixar de lembrar o aparecimento, em 1963, dos “Estatutos” de 1559, que durante alguns séculos se consideraram perdidos, pois que não se conhecia nenhum exemplar, quer manuscrito quer impresso. A exemplo da maioria das obras de Serafim Leite, traz uma “Introdução e notas históricas e críticas”, feitas com o bom-senso que lhe é peculiar. Uma pesquisa paciente e demorada fornecerá nomes de outros trabalhos de Serafim Leite, que virão ampliar e completar a “Bibliografia” de 1962, demonstrando o seu continuado esforço para o enriquecimento da cultura histórica luso-brasileira.

Eis, em breve síntese, o “perfil” do historiador Serafim Leite, que se impôs à consideração e ao respeito não só de brasileiros e de portugueses, como de destacadas figuras da historiografia universal.

Sempre vi, em Serafim Leite, apenas, um excelente e probo historiador. Agora, tendo necessidade, para escrever o seu “Elogio histórico”, de aprofundar-me, um pouco, na sua biobibliografia, contida em algumas publicações ( “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, “Enciclopédia Verbo”, “Dicionário Literário Brasileiro”, de Raimundo de Meneses ), em trabalhos dos Padres Domingos Maurício e Hélio Abranches Viotti, e na “Bibliografia” organizada pelo Pe. Miguel Batllori, deparei-me com novas facetas da sua atividade cultural: jornalista, contista, poeta, sociólogo, heraldista etc., que me causaram surpresa...

Bem cedo Serafim Leite iniciou-se no jornalismo. Vivendo em Monte Alegre, na margem esquerda do Rio Baixo Amazonas ( no Estado do Pará ), publicou na “Gazeta de Monte Alegre”, em 1 912, uma “breve composição com intenção de conto”, intitulada “Joel e Fátima”. E nesse biênio 1 912 – 13 surgiram no mesmo jornal outros artigos de Serafim Leite, apresentados com o pseudônimo de “João Madeira” ( nome tirado, por certo, de sua terra natal ). Ele próprio confessa: “Neste meio tempo ensaiei os primeiros passos na composição literária. Uns versos impossíveis, uns contos ingênuos, umas crônicas sem fundo, mas que se publicaram, e que, não valendo nada, serviam de pretexto para me lisonjarem os amigos, como se de fato valessem...” (10).

Serafim Leite também cultivou o conto, dando-nos, em 1 927, “Rosas de púrpura” e em 1 930 um livro intitulado “Iuminuras”, com 11 produções: Caçada maldita, Noite de São Martinho, Tia Miséria, A dama desconhecida, O hino das mães, O Estado Livre de S. Luís, Ângela, O beijo da irmã Helena ( “certo episódio pessoal que muito o impressionou... referido a terceira pessoa, evidentemente, e envolto num leve ar de poesia e ficção para lhe dar sabor”, como o próprio autor elucida ) (11), O falsário, Ressurreição e A caminho. Não conheço o valor intrínseco dessa obra ( o que pretendo fazer, oportunamente ), mas o simples fato de ter sido ilustrada pelo afamado pintor Carlos Carneiro ( aluno da Escola de Belas-Artes do Porto e filho do grande “Mestre” Antônio Carneiro ) leva-me a supor que se trata de uma publicação digna de todo o mérito.

Confesso que ainda não li apreciação alguma à obra poética de Serafim Leite. A Biblioteca Municipal de São Paulo possui os seus dois livros “Trajetórias” ( poemas ), 124 páginas – 1 931 e “Do homem e da terra” ( também poemas ), 140 páginas – 1 932; a escassez de tempo não permitiu que eu tomasse contacto com essas duas publicações, para emitir a minha modesta opinião. Além dessas obras poéticas, Serafim Leite publicou “Nossa Senhora dos

Milagres” (cantigas para o futuro), 1 “pagela” com sete quadrinhas de estilo popular, (1934); “O poema do ano” (12 sonetinhos, um por mês), 1931; “Cântico Essencial” (A Nossa Senhora), “prosa poética em cinco estrofes” (1935); “Se souberes !...” (1938). De sua lavra poética apenas tive ao meu alcance a letra do “Hino de São João da Madeira”, poesia que o jornal “O Regional”, de 1-1-1928 assim apreciou: “Hino encantador, espelho das virtudes dum povo laborioso e caritativo, nele se refletem, num misto de sentimento e energia, as aspirações da alma sanjoanense, as suas virtudes características — actividade, amor pelas obras de beneficência, instrução e a sua fé inabalável nos próprios destinos, pairando em tudo e acima de tudo esse espírito de trabalho.” (12).

Não é fácil adaptar uma poesia a uma composição musical, sobretudo quando esta é de autoria de um Mestre da “Arte dos sons”, como o insigne Tomás de Lima (professor do Conservatório de Lisboa e que o Brasil bem conheceu). Apesar disso, Serafim Leite foi feliz nos versos que burilou; ele viu as virtudes dos seus conterrâneos e apregoou:

“São João é um povo que encerra  
As virtudes benditas do lar;  
Crê em Deus, no Trabalho e na Terra,  
Sabe amar e sofrer e cantar.” (13)

E atentai para a beleza deste grito vibrante de amor pelo seu semelhante:

“Arde em nós, bem no fundo, serena,  
Como chama de amor que reluz,  
A paixão pelo pobre que pena,  
Sem lareira, sem pão e sem luz.” (14)

A propósito do “Hino de São João da Madeira”, há um pormenor que me chamou a atenção: em todas as biografias consultadas, havia a indicação de que Serafim Leite é o “autor” do Hino de São João da Madeira. Correntemente, considera-se “autor de uma melodia, o musicista que a compõe, isto é, o que cria e escreve a música”. Também fui induzido a erro, chegando a pedir ao Presidente da Câmara Municipal de São João da Madeira que me fornecesse “a música do Hino de São João da Madeira, composto por Serafim Leite” !... Na realidade, Serafim Leite é apenas o autor dos versos. Ele próprio teve a culpa no raciocínio por mim elaborado, pois diz: “Compus também o Hino Oficial de S. João da Madeira...” (15).

Referi-me, ligeiramente, a Serafim Leite como contista e poeta, sem indicar um juízo crítico acerca do seu valor nesses dois campos das Letras. Pesquisei, mas...nada encontrei !... Consultei, então, o Prof. Antônio Soares Amora, que durante muitos anos foi o catedrático de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e que mantinha relações de amizade com Serafim Leite; a sua resposta foi esta: “Confesso que desconhecia essas duas facetas do Mestre, pois jamais vi ou ouvi referência alguma a tal respeito.” Afrânio Peixoto, um de seus grandes admiradores da sua cultura, ao assinalar a sua visita honrosa à Academia Brasileira de Letras, em 10 de abril de 1934, proferiu estas palavras: “ele traz à companhia livros seus, que provam ser dos nossos. São eles **Iluminuras, Trajetórias, Do homem e da terra...** livros que documentam a capacidade do escritor, que é honra de seus portugueses e de nossa língua portuguesa. Festejemo-lo, pois, pelo que já é...” (16). Em 1934, na abalizada opinião de Afrânio Peixoto, Serafim Leite devia ser considerado como um bom escritor, cultivando a Poesia e o Conto.

Serafim Leite também se embrenhou pelo campo da Sociologia, publicando alguns trabalhos que demonstram a sua preocupação com a apreciação e o estudo de certos assuntos que interessam à Sociologia. Na sua extensa bibliografia divisam-se inúmeros trabalhos que pertencem a esse sector do conhecimento humano.

Curioso por índole e por instinto, Serafim Leite possuía apreciáveis conhecimentos de Heráldica, essa difícil “arte de formar e descrever os brasões de armas”, também chamada “Armaria”, “Brasão” ou “Arte do Brasão”, sendo ele o autor do brasão de sua terra natal, em cuja elaboração empenhara todo o seu talento, todo o carinho de verdadeiro sanjoanense. Eis como ele descreve esse brasão, composto antes de 1 de janeiro de 1928: “As armas de S. João da Madeira, partidas em pala com chefe, representam o que era a nossa terra ao conquistar os seus foros de vila ( 18 de julho de 1924 ): uma povoação industrial e agrícola, animada pelo espírito fecundo do trabalho. Donde os três elementos do escudo: Na pala direita a fábrica que representa a indústria; na pala esquerda a paveia de trigo, emblema da agricultura; e no chefe, figura heráldica de primeira ordem, sobressai a legenda LABOR, como encarnação flagrante do espírito sanjoanense. A distribuição dos metais e cores tem a significação seguinte: A paveia de ouro em campo verde simboliza a riqueza e a confiança; a fábrica

vermelha em fundo de prata indica o ânimo industrioso e empreendedor, fundado na lealdade; e a legenda LABOR em ouro sobre negro, manifesta o amor do trabalho até ao extremo sacrifício.” (17).

Eis, em ligeiras pinceladas, um “retrato” do jornalista, do contista, do poeta, do sociólogo e do heraldista Serafim Leite.

Serafim Leite amava o Brasil e declarava-se “brasileiro já por tantos laços de coração e de inteligência” e dizia: “Persuado-me de que, sem a Amazônia, não me teriam prendido tanto nem o Brasil, nem a sua história...” (18). E o Brasil, por intermédio de suas entidades culturais mais representativas e pelo próprio Governo, testemunhou a sua admiração e reconhecimento por esse probo e infatigável historiador, que tanto enobreceu a História da nossa Pátria.

Agremiações de cultura incluíram-no em seus quadros sociais:

a) em 6-VIII-1 934, é apresentada no “Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo” uma proposta, subscrita, entre outros, pelo Presidente Dr. José Torres de Oliveira e pelo secretário Nicolau Duarte Silva, para que fosse concedido ao “notável escritor e brilhante conferencista, autor de numerosas obras de investigação histórica e bibliográfica, de Moral e de Sociologia...”, o título de “sócio honorário”. Tal proposta foi aprovada, por unanimidade, logo na sessão de 20 desse mesmo mês e ano (19);

b) o “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” nomeou-o “membro correspondente”, em 31-V-1 939 (20). E na sessão magna de 21-X-1 949, comemorativa do III aniversário de fundação, o ministro Adroaldo Mesquita da Costa, membro efectivo do sodalício, propôs que se fizesse constar da ata um voto de louvor ao Pe. Serafim Leite, “o qual, incumbido pela Ordem de escrever a História da Companhia de Jesus, na parte referente ao Brasil, foi o primeiro a concluir seu trabalho, que consta de nove volumes, entre todos os encarregados do mesmo mister, em outras partes do mundo” (21). “O Dr. José Pedro Leite Cordeiro propôs, a seguir, que essa homenagem do Instituto ao ilustre sacerdote e intelectual se traduzisse também numa medalha comemorativa” (22), sugestão que foi bem acolhida, tendo sido providenciada a sua cunhagem, confiada ao exímio artista G. Girardet, contendo, de um lado, a efígie de Serafim Leite, com estes dizeres: “Padre Serafim Leite – da Companhia de Jesus” -- e, do outro lado, uma cena representando o Pe. Manuel da

Nóbrega, fazendo uma alocução aos índios, com esta inscrição: “Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro quando apareceram os últimos volumes da História da Companhia de Jesus no Brasil – Rio de Janeiro, 1 949” (23);

c) em 11–VIII–1 940 é eleito “sócio-correspondente” da “Academia Brasileira de Letras” ( “cadeira” nº 1, tendo como “patrono” Alexandre de Gusmão ), na vaga de Alberto d’Oliveira ( notável poeta e escritor, cônsul-geral de Portugal no Rio de Janeiro ), falecido em Lisboa aos 23 de abril desse ano; Serafim Leite tomava parte em muitas reuniões, sempre que se encontrava na Capital (24);

d) a 13 de dezembro de 1 949, a Universidade Católica do Rio de Janeiro distinguiu-o com as insígnias de doutor “scientiae et honoris causa” (25).

O Governo Brasileiro também decidiu homenageá-lo, concedendo-lhe, em 19–IX–1 939, a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, no grau de Comendador (26).

Serafim Leite sempre esteve muito ligado ao Brasil, esta “sua terra daquém Atlântico” e de quando em vez aqui aportava, quer para longos períodos de permanência, sempre estudando e revelando episódios inéditos da nossa História, criando novos admiradores, quer para tomar parte em congressos, lembrando-me dos seguintes:

a) de 21 a 28 de abril de 1 948, integrou a Delegação Portuguesa ao “IV Congresso de História Nacional”, comemorativo do 4º Centenário da Fundação da Cidade do Salvador;

b) no ano seguinte, participou do “Congresso Nacional de História”, dedicado ao IV Centenário da Instituição do Governo Geral no Brasil. Nessa ocasião, fui apresentado a “Mestre” Serafim Leite, graças a Antônio Pedro Martins Rodrigues, então diretor-gerente de “Livros de Portugal” e uma das mais expressivas figuras da intelectualidade lusitana do Rio de Janeiro;

c) em 1 954, participou do “II Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”, integrado nas comemorações do IV Centenário da Fundação de São Paulo.

Desde 1 949, se me não falha a memória, que passei a manter relações de amizade com Serafim Leite. A ele recorri, algumas vezes, solicitando informações para dirimir dúvidas, destinadas a trabalhos por mim elaborados:

a) em 1965, apresentei à “I Assembléia da Associação Médica da Língua Portuguesa” ( Rio, 29—VIII a 4—IX ), “Profissionais da Medicina no Brasil Quinhentista”. Entre esses “profissionais” havia vários Jesuítas, cujas biografias Serafim Leite me ajudou a escrever;

b) também para redigir “Cantanhedenses na Companhia de Jesus”, Serafim Leite muito me auxiliou.

Atendia fidalga e carinhosamente a todos que a ele recorriam. O nosso confrade Pe. Viotti poderá corroborar esta minha declaração. Sempre que eu ia a Portugal, ou quando Serafim Leite se deslocava a São Paulo, procurava-o, para em conversa amena e agradável, ouvir-lhe a voz de “Mestre”, com “novidades” para transmitir aos seus ouvintes. Interessava-se muito pelo movimento cultural brasileiro, solicitando notícias de alguns dos muitos amigos e admiradores que tinha. E dava conhecimento dos novos trabalhos que estava elaborando e das pesquisas a que vinha procedendo. Recebia com a maior afabilidade e comprazia-se em ser útil a alguém.

Senti, pois, profundamente, a sua morte, pois tinha admiração pela sua extraordinária cultura e pela sua boníssima pessoa.

A notícia do seu falecimento repercutiu intensamente no Brasil, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde era maior o número de seus admiradores.

a) o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em sua sessão plenária de 10 de janeiro de 1970, reverenciou a memória do “Mestre”, por intermédio de Alberto Prado Guimarães e do Pe. Hélio Abranches Viotti. O primeiro considerou Serafim Leite como “um dos maiores historiadores de todos os tempos, tanto no Brasil como em Portugal” e o nosso confrade Pe. Viotti proferiu um “elogio saudososobre esse notável homem no campo da História do Brasil... grande literato e historiador português, mas que amava o Brasil como a sua segunda Pátria” (27), oração que por certo serviu de base à elaboração do seu consciencioso “trabalho crítico” “Pe. Serafim Leite, S. J. — 1890 — 1969”, publicado no tomo XXVII, fasc. 1 —2, de março-junho de 1970, da “Revista Verbum” ( da Universidade Católica do Rio de Janeiro ), que teve a gentileza de ceder-me, por empréstimo, para a indispensável consulta, dado que vem arrolado no verbete Serafim Leite da “Enciclopédia Verbo” ( vol. 11 ). E na sessão de 17

de outubro de 1970, em que o nosso “Instituto” reverenciou os sócios falecidos nesse ano, o orador oficial, o Prof. Alfredo Gomes (nosso saudoso companheiro, há pouco desaparecido, para sempre, do nosso convívio), ao referir-se ao ilustre extinto, disse: “Desempenhou-se o eminente sacerdote de incumbências que imortalizaram seu nome como a “História da Companhia de Jesus no Brasil”, a publicação das “Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil” que integram a “Monumenta Historica Societatis Iesu” e abrem a série brasileira sob o título específico de “Monumenta Brasiliae”, além de incontáveis estudos menores pertinentes aos primórdios de nossa Terra e nossa Gente, particularmente relacionados com as atividades dos jesuítas, com a fundação da cidade paulopolitana e com o Padre Manuel da Nóbrega, erguendo, sem dúvida, à memória deste o mais belo e autorizado monumento de admiração e gratidão. Assim, o Sodalício, na véspera da data centenária da morte de Nóbrega, volta sua saudade e seu agradecimento ao Padre Serafim Leite, honrando-lhe a memória com acentuado fervor e não menor reconhecimento” (28);

b) a Academia Brasileira de Letras, em sua sessão de 8 de janeiro de 1970, exarou um voto de pesar pelo seu passamento e o Prof. Pedro Calmon proferiu estas palavras: “O Pe. Serafim Leite é um dos nossos, com a circunstâncias de terem ele e João Luso merecido a expressão de Sócios Correspondentes, e recebiam **jeton** em igualdade de condições com os sócios da Casa, por uma razão muito simples... O Pe. Serafim Leite, por um favor que lhe fez o Plenário, por proposta de Afrânio Peixoto, salvo engano, considerando que esse **jeton** permitia sua volta ao Rio, necessária à conclusão de um livro, cujo lançamento devemos a Elmano Cardim que abriu as páginas do “Jornal do Comércio” para que Afrânio escrevesse a recomendação do 1º volume da “História da Companhia de Jesus no Brasil”, obra que marca na história cultural brasileira uma espécie de divisor de águas, ou duas épocas: antes e depois de Serafim Leite” (29). E poucos dias depois, na sessão de 15 de janeiro, o acadêmico José Honório Rodrigues, espontaneamente, proferiu elegante oração, da qual destaco: “Em 1936, com a publicação do primeiro tomo da “História da Companhia de Jesus no Brasil”, iniciava-se a construção de uma pirâmide de erudição acumulada, que só terminaria em 1950, com a saída do décimo volume, já então editado pelo Instituto Nacional do Livro, dirigido por Augusto Meyer...” (30).

O acadêmico Pedro Calmon não se conteve, apesar do extenso elogio feito por José Honório Rodrigues, e proclamou: “O Padre Serafim Leite, como falou José Honório Rodrigues, é uma grande figura da historiografia brasileira...” (31).

Apesar de falecido em fins de 1969, o Brasil continuava a reverenciá-lo. E uma prova dessa admiração partiu da Academia Paulista de História, fundada em 18 de dezembro de 1972 e instalada, solenemente, em 2 de fevereiro do ano seguinte. Os seus principais idealizadores, dentre os quais é justo destacar-se o nome de Tito Lívio Ferreira, ao elaborarem a lista dos “patronos” do sodalício, incluíram o nome de Serafim Leite e indicaram-me para ocupar a “cadeira” nº XV, a ele consagrada. Parece... que adivinharam a minha admiração por “Mestre” Serafim Leite. Nem os Estatutos, assim como o Regimento Interno da novel entidade obrigam o “sócio fundador” a fazer o “elogio histórico” do seu “patrono”; no entanto, com o rolar dos dias, ficou convenicionado que o “sócio-fundador” deveria apresentar “ligeira apreciação biobibliográfica” do vulto que dá nome à sua “cadeira”. Alguns dos nossos Confrades já se desincumbiram dessa tarefa, com o maior destaque. Embora assíduo frequentador das nossas reuniões-mensais, nestes três últimos anos, ainda não tinha dado cumprimento a esse dever. Indicado pelo Presidente Lycurgo de Castro Santos Filho para pronunciar o “elogio histórico” de Serafim Leite, numa das primeiras reuniões do corrente ano, solicitei um adiamento, dado que eu pretendia empreender uma viagem a Portugal, em maio, sendo minha intenção aproveitar a permanência no país-irmão para obter dados biobibliográficos exatos e recentes sobre o meu “patrono”. Recorri a Alberto Iria, esse grande e serviçal amigo de todos os historiadores brasileiros, que dirigiu, com invulgar brilhantismo, o “Arquivo Histórico Ultramarino”. Levou-me a uma das sessões da “Academia Portuguesa de História” e ali me apresentou ao atual ocupante da “cadeira” nº 30, que pertenceu a Serafim Leite, o historiador e pedagogo Víctor Manuel Braga Paixão, que me ofertou uma cópia do trabalho, ainda não publicado, que ele apresentara há pouco tempo naquele cenáculo cultural.

Apoiado a Braga Paixão, Domingos Maurício, Hélio Viotti e a outros autores de pequenos trabalhos, as informações prestadas pelo atual Presidente da Câmara Municipal de São João da Madeira, Sr. Benjamim Valente, e

também a uma “autobiografia” escrita em fevereiro de 1939 ( que suponho pouco divulgada ), elaborei este modesto “elogio histórico”, eliminando certas incorreções de cunho biográfico que vinham campeando nas diversas biografias do “Mestre”. Reconheço que Serafim Leite merecia mais e melhor. A quantidade foi prejudicada pela imposição da nossa Diretoria, que exige um “elogio” breve, não ultrapassando os 15 minutos, para não fatigar os ouvintes... A qualidade foi alicerçada nos modestos conhecimentos de um “curioso” da História, mas que ama a verdade e que aprendeu com Nunes Dias a ter a maior consideração pelo documento.

Apesar da pequena extensão e da singeleza da narração, creio ter apresentado um conjunto de informações que dá uma idéia real das principais fases da vida de Serafim Leite e da vasta e meritória obra desse “Mestre incontesteável da erudição missionária brasileira ( segundo abalizada opinião do crítico e literato português Victorino Nemésio ), quer como autor da monumental História da Companhia de Jesus no Brasil, quer como editor crítico das “Novas Cartas Jesuíticas” e de outras espécies inéditas ou de lição restituída, bem como de acuradíssimas monografias especiais.”

\*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — Pe. Hélio Abranches Viotti — Padre Serafim Leite S. J. ( 1890 —1969 ), pág. 132.
- 2 — Pe. Hélio Abranches Viotti — Loc. cit., pág. 110.
- 3 — Pe. Hélio Abranches Viotti — Ibidem, pág. 134.
- 4 — Serafim Leite — Cartas do Brasil e mais escritos do Pe. Manuel da Nóbrega, págs. 181 —182.
- 5 — Rev. Inst. Hist. Geog. São Paulo, vol. 38, pág. 232.
- 6 — Rev. do Arquivo Municipal, Ano II, fev. 1936, vol. XX, pág. 207. Este trabalho premiado de Serafim Leite foi publicado na Rev. Arq. Mun., ano II, março 1936, págs. 3 a 50.

- 7 – Serafim Leite – Páginas de História do Brasil, ( Índice ).
- 8 – Rev. Inst. Hist. Geog. São Paulo, vol. 49, 1 952, pág. 370.
- 9 – Serafim Leite – A minha vocação, in Rev. Acad. Bras. de Letras – Anais de 1 940 – julho a dezembro, pág. 396.
- 10 – Serafim Leite – Loc. cit., pág. 387.
- 11 – Serafim Leite – Ibidem, pág. 390.
- 12 – Manuel Luís Leite Júnior – Hino de S. João da Madeira ( março de 1 960 ).
- 13 – Hino de S. João da Madeira ( edição de Manuel Luís Leite Júnior ).
- 14 – Hino de S. João da Madeira.
- 15 – Serafim Leite – Loc. cit., pág. 395.
- 16 – Afrânio Peixoto – in Pe. Hélio Abranches Viotti, Loc. cit., pág. 104.
- 17 – Manuel Luís Leite Júnior – Brasão de S. João da Madeira ( março de 1 960 ).
- 18 – Carta a Manuel Rodrigues Ferreira, in “A Gazeta” ( São Paulo, 13 – IX – 1 961 ).
- 19 – “Livros de admissão de sócios”.
- 20 – Rev. Inst. Hist. Geog. Bras., vol. 205, 1 949, pág. 507.
- 21 – Rev. Inst. Hist. Geog. Bras., vol. 205, out – dez. 1 949, pág. 480.
- 22 – Loc. cit., pág. 480.
- 23 – Inscrição copiada de uma medalha pertencente ao Dr. José Pedro Leite Cordeiro.
- 24 – Anuário da Acad. Bras. de Letras, 1 942, pág. 177.
- 25 – in Pe. Hélio Abranches Viotti, Loc. cit., pág. 127.
- 26 – Informação prestada pelo Conselho Nacional da Ordem do Cruzeiro do Sul, em telefonema de 23 – X – 78, em resposta à minha carta-consulta de 29 – IX – 78.
- 27 – Rev. Inst. Hist. Geog. São Paulo, vol. LXIX, 1 971, pág. 419.
- 28 – Ibidem, pág. 238.
- 29 – Rev. Acad. Bras. de Letras – Ano 70, vol. 119 – Anais de 1 970, janeiro a junho, pág. 59.
- 30 – Ibidem, págs. 60 – 61.
- 31 – Pedro Calmon – in Ibidem, pág. 63.
- 32 – Vitorino Nemésio – O campo de São Paulo, pág. XIII.